

Um “trabalhador nato” que criou um líder num local “improvável”

Nos anos 80, sobreviveu a um atentado à bomba. Nos anos 90, escapou à implosão do sector têxtil, criando uma referência industrial

Victor Ferreira

José Alberto Robalo, presidente da Associação Nacional dos Industriais de Lanifícios (ANIL), conheceu Paulo Nina de Oliveira no chamado Verão Quente de 1975. Ficou-lhe na memória a postura “frontal, de grande coragem, de alguém que não cedia a chantagens”. Paulo de Oliveira, que morreu esta semana, aos 84 anos, após doença, não era apenas um tipo tenaz: foi também um sonhador, incansável nos sonhos e no esforço de os concretizar, um “trabalhador nato” que nunca se deixou apoucar pelo isolamento político ou geográfico, fosse o da Covilhã ou o de Portugal.

É José Alexandre Oliveira, empresário da Riopele, em Famalicão, no distrito de Braga, quem recorda que Paulo de Oliveira não tinha sábados, não tinha domingos. “Só posso ter palavras elogiosas para uma pessoa que muito admiro e com quem aprendi muito na minha carreira. Recordamos agora alguém que criou um líder industrial, um grupo de referência internacional, num local, numa região, que muitos diriam improvável. Mas ele conseguiu-o”, sustenta Oliveira, neto do fundador desta empresa histórica do têxtil nacional e do Vale do Ave.

Na hora da sua morte, as homenagens apontaram todas para essa faceta de industrial, tecendo elogios às “virtudes empreendedoras”, ao “homem dotado de excepcionais qualidades pessoais e empresariais”. Só os que privaram com ele mais de perto podiam destacar o espírito “competitivo” que o levava a fazer coisas incomuns, como, por exemplo, aprender programação de

computadores já perto dos 50 anos. Fê-lo como autodidacta, por necessidade, porque tinha na altura projectos que envolviam computadores.

“Ele era assim: compenetrado. Nas viagens a congressos, nunca ficava mais do que o necessário, para passear. A fábrica era a vida dele. “O nosso pai era feliz a trabalhar”, corrobora Paulo Augusto de Oliveira, um dos quatro filhos do casal e que, hoje em dia, lidera o negócio da família entretanto transformado num grupo têxtil com três empresas (Paulo de Oliveira, Penteadora e Tessimax). “Foi o nosso exemplo. Era um homem com grande carisma, marcou-nos muito”, acrescenta.

Robalo continua: “Tinha uma inteligência incomum, que lhe permitia resolver problemas mais rapidamente do que os concorrentes. Antes de pensar comprar uma máquina, estudava-a a fundo. Quando o comercial chegava lá, ele já sabia tudo.”

A mulher de Paulo de Oliveira, Hermínia, também se envolvia no negócio. Durante largos períodos, conduziu os Recursos Humanos, entre outros assuntos. Mas o marido era a cara e o corpo da empresa que herdou do pai e queria passar aos filhos. Em público, nunca mostrou preocupação com a sucessão. Mas “certamente que a preparou”, garante o actual presidente da ANIL, que além de ter sucedido a Paulo de Oliveira naquele cargo, também foi sócio dele entre os anos 80 e 2005.

As origens do grupo estão na empresa José Paulo Oliveira Júnior, registada em 1936 pelo pai de Paulo de Oliveira. A Covilhã estava



Paulo de Oliveira Empresário (1937-2022)

ligada aos têxteis desde os finais do século XVII. As encostas da serra da Estrela forneciam amplas condições para a criação de ovelhas, que forneciam a lã para uma indústria que se foi consolidando.

No final do século XIX, chegaria a primeira escola industrial. A sua missão era, em primeiro lugar, formar trabalhadores qualificados para a indústria têxtil. Diz-se que o nome da vila vinha da “cova [abrigo] da lã”. Também se diz que o pendur industrial levou a Covilhã a ser conhecida como a “Manchester portuguesa”.

Foi nesse meio que o empresário falecido esta semana estudou, se fez e se estreou. Depois do infortúnio de perder o pai muito

cedo, Paulo viu-se forçado a agarrar as rédeas do negócio. Aos 18 anos, trabalha de dia e estuda à noite, no antigo sétimo ano (actual 12.º) na Escola Industrial Campos Melo.

“Era a universidade dos anos 40 e 50 na Covilhã. Foi ali que se formaram muitos técnicos do têxtil”, frisa José Alberto Robalo. A Universidade da Beira Interior, instalada em parte no edifício da Real Fabrica de Panos (1764), atribuiu em 2014 o grau de doutor *honoris causa* ao mesmo gestor que foi dos primeiros a empregar quadros formados no antigo Instituto Politécnico da Covilhã, hoje Universidade da Beira Interior.

Em 1995, foi agraciado pelo Presidente Mário Soares com o grau de comendador da Ordem do Mérito Agrícola, Comercial e Industrial. Em 2009, foi a autarquia a dar-lhe uma Medalha de Ouro de Mérito.

Presidiu ou participou activamente na vida de numerosas entidades locais, nacionais, internacionais, tanto no campo social, cultural como profissional. Foi o primeiro presidente da ANIL, fundou o centro de formação da

indústria dos lanifícios, dirigiu o Grémio dos Industriais e a sua morte foi lamentada por todos, desde a Banda da Covilhã à Santa Casa, aos bombeiros, passando pelo PSD, de que foi militante.

Teria tanta participação cívica por vaidade? “Não era um homem vaidoso. Sei que gostava de carros bons, mas não pela ostentação. Escolhia-os os mais seguros e confortáveis, não os mais vistosos”, recorda o amigo Robalo.

Foi nos anos quentes do pós-25 de Abril que viveu anos tensos e um grande susto. Em 1983, foi alvo de um atentado. Colocaram uma bomba no carro do empresário, mas os autores (nunca identificados) não lograram o ténico objectivo.

Nessa década, viveu grandes desafios profissionais, como todo o sector. “Nos anos 80, o têxtil era para acabar. Nos 90, era para deslocalizar. Nos anos 2000 já nem sei o que queriam, mas poucos acreditavam na nossa sobrevivência, por causa da abertura do comércio mundial à Ásia. A nossa resiliência, a resiliência do Paulo de Oliveira, mostra que todos se enganaram”, sentencia José Alexandre Oliveira.